



CONTEXTOS SOCIOECONÔMICOS E SUA INFLUÊNCIA NA SELEÇÃO DE ESPÉCIES EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL NA MATA ATLÂNTICA

ANDERSON PEREIRA DA SILVA; GENILSON BEZERRA DE OLIVEIRA FILHO;
IRAQUITAN JOSÉ DE SOUSA; RAYANNA BEATRIZ MARQUES DA SILVA; SÉRGIO
MENDONÇA DE ALMEIDA;

RESUMO

A carne de animais caçados é um recurso amplamente explorado por populações rurais em diversas partes do mundo. Apesar da importância dessa prática por seu significado cultural e até mesmo para a garantia da segurança alimentar de algumas comunidades humanas, o impacto dessa prática pode chegar a uma redução de até 80% da abundância de espécies alvo em áreas submetidas a forte pressão de caça. A exploração de recursos naturais por pessoas de uma comunidade tradicional passa necessariamente pelo domínio do conhecimento sobre sua disponibilidade, formas de coleta e de uso. Tendo em vista esse cenário, é necessário entender quais fatores influenciam a pressão diferencial de caça para buscar desenvolver estratégias de manejo alinhadas com as ODS, especificamente a número 15, buscando opções de subsistência sustentáveis em comunidades tradicionais. Neste trabalho investigamos a influência de fatores socioeconômicos sobre o conhecimento a respeito de caça em uma comunidade na Mata Atlântica pernambucana. Aplicamos entrevistas estruturadas a 73 pessoas registrando idade, renda, escolaridade, tempo de moradia e ocupação dos participantes. Utilizamos listas livres para registrar o conhecimento sobre os animais caçados. A ocupação foi categorizada em três níveis (Campo, Lar e Serviços), a renda categorizada em três níveis (um salário-mínimo, mais que um salário-mínimo e menos que um salário-mínimo) e a escolaridade registrada em anos de estudo formal. Para avaliar o efeito dessas variáveis sobre o conhecimento sobre a caça construímos modelos lineares generalizados utilizando a quantidade de espécies citadas como variável resposta. Nossos dados demonstraram a influência da escolaridade e da idade no conhecimento ecológico sobre a caça. Sugerimos que trabalhos futuros desenvolvam hipóteses com a clareza necessária, já que o sistema estudado é complexo e apresenta diversos contextos diferentes.

Palavras-chave: Caça; Rio Formoso; Comunidade Tradicional; Socio-economicos.

1 INTRODUÇÃO

A carne de animais caçados é um recurso amplamente explorado por populações rurais em diversas partes do mundo, frequentemente servindo como a única fonte de proteína disponível em suas dietas (Nielsen et al., 2018). Nas últimas décadas, o crescimento populacional em áreas próximas a regiões conservadas aumentou a demanda por esse recurso (Ingram et al., 2021), muitas vezes alcançando níveis insustentáveis. Evidências recentes demonstram que áreas sujeitas à caça apresentam uma redução de 58% nas populações de aves e 83% nas de mamíferos em comparação com áreas não caçadas (Benítez-López et al., 2017). Como resultado, muitas espécies estão diminuindo em número, ficando isoladas em pequenas manchas de vegetação natural ou sofrendo extirpações locais silenciosas (Minhós et al., 2016). A diminuição das populações animais devido à caça também acarreta inúmeras ameaças à segurança alimentar e à saúde humana, seja de forma

direta ou através de efeitos em cascata (Santos et al., 2017). Isso é particularmente preocupante, considerando que cerca de um bilhão de pessoas ao redor do mundo dependem da carne selvagem para sua subsistência (Brashares et al., 2014).

Diante desse cenário, é de fundamental importância conhecer quem são as pessoas que utilizam e dependem da carne de caça para sua subsistência (Chand, 2022), visto que é necessário planejar projetos de manejo e educação ambiental adequados. Traçar um perfil preciso das pessoas que praticam a caça no Brasil é particularmente desafiador, devido à regulamentação confusa da atividade (Bragagnolo, 2019). No entanto, a exploração de recursos naturais por pessoas de uma comunidade tradicional implica necessariamente o domínio do conhecimento sobre sua disponibilidade, formas de coleta e de uso, o que pode ser um proxy da prática da atividade. Dessa forma, neste trabalho investigamos como, em uma comunidade quilombola na Mata Atlântica pernambucana, fatores socioeconômicos podem prever o conhecimento a respeito da caça.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A área de estudo inclui a comunidade tradicional Quilombola Siqueira, situada no município de Rio Formoso. O município de Rio Formoso está localizado no litoral Sul de Pernambuco e a comunidade está sobreposta entre duas Unidades de Conservação: APA Costa dos Corais e APA de Guadalupe (Processo CPRH No 09330/2022 e SISBIO 84629-1). A região é composta de relevo acidentado e formado por morros, uma extensa área de manguezal, continuada por uma densa área de floresta atlântica. A comunidade é composta por pescadores da zona rural. Os moradores da comunidade dedicam-se a agricultura familiar, a pesca artesanal e exploram diversos recursos naturais para alimentação e fins medicinais, incluindo a caça de espécies nativas. Entre os meses de junho e julho de 2022 nós visitamos todas as residências da comunidade e convidamos todas as pessoas maiores de 18 anos a participar da pesquisa. Aplicamos entrevistas estruturadas a 73 voluntários (35 homens e 38 mulheres), registrando as seguintes variáveis socioeconômicas: o nome, a idade, o tempo de moradia, a ocupação, a renda e a escolaridade. A ocupação foi categorizada em três níveis (Campo, Lar e Serviços), a renda categorizada em três níveis (um salário-mínimo, mais que um salário-mínimo e menos que um salário-mínimo) e a escolaridade registrada em anos de estudo formal. Em seguida, para registrar quais animais são caçados na comunidade, utilizamos o método de Listas Livres (ver Albuquerque et al., 2014), utilizando como questão norteadora a pergunta: "Que animais do mato você conhece que são bons para comer?". Para estimular os respondentes a recordarem mais itens, realizamos indução inespecífica e releitura com técnicas auxiliares.

Para testar o efeito das variáveis socioeconômicas sobre o conhecimento sobre animais caçados, construímos modelos lineares generalizados, utilizando como variável dependente a quantidade de animais citados por cada informante. Todas as análises foram desenvolvidas em ambiente R (R Core team, 2023) e valores de $p < 0.05$ foram considerados como significativos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas da comunidade foram de ao todo 23 espécies como alvos de caça na região. Os informantes citaram em média 3,5 espécies (0 - 9). A espécie mais citada foi o Tatu comum (*Dasypus novemcinctus*), com 68 citações, seguida do Teju (*Salvator merianae*) com 49 citações. As espécies menos citadas, com apenas uma citação, foram o sagui comum (*Callithrix jacchus*), a ave três-cocos (*Aramides cajaneus*), lontra (*Lontra longicaudis*), gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*), a juriti (*Leptotila verreauxi*), o furão (*Galictis cuja*), o calango (*Ameiva ameiva*) e o lambu (*Crypturellus parvirostris*). Verificamos que os mamíferos foram o grupo mais comum entre as espécies citadas (15 espécies), seguidos por répteis e aves com

apenas quatro e três espécies citadas, respectivamente. A preferência pela caça de mamíferos é um padrão já bastante conhecido entre caçadores, inclusive na região Nordeste do Brasil (Barboza et al., 2016).

Tabela 1 – Espécies caçadas citadas por moradores entrevistados na comunidade Siqueira, no município de Rio Formoso – PE.

Espécie (nome científico)	Etnoespécie (nome popular)	Número de citações
<i>Dasyus novemcinctus</i>	Tatu	68
<i>Salvator merianae</i>	Teju	49
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	31
<i>Dasyprocta leporina</i>	Cutia	27
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara	15
<i>Iguana iguana</i>	Iguana	14
<i>Nasua nasua</i>	Quati	10
<i>Procyon cancrivorus</i>	Guaxinim	9
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá	7
<i>Caiman latirostris</i>	Jacaré	6
<i>Coendou prehensilis</i>	Coendou	4
<i>Cerdocyon thous</i>	Raposa	4
<i>Rhinella jimi</i>	Sapo	3
<i>Sus scrofa</i>	Porco-do-mato	3
<i>Didelphis albiventris</i>	Cassaco	3
<i>Crypturellus parvirostris</i>	Lambu	1
<i>Ameiva ameiva</i>	Calango	1
<i>Galictis cuja</i>	Furão	1
<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti	1
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	1
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	1
<i>Aramides cajaneus</i>	Três-cocos	1
<i>Callithrix jacchus</i>	Sagui	1

Em nossas análises A escolaridade apresentou uma relação inversa com o conhecimento sobre caça ($t = -1,726$; $p = 0,0102$), ou seja, quanto mais escolarizada uma pessoa, menos conhecimento sobre caça ela apresenta. A relação entre nível de educação formal e conhecimento ecológico local ainda não é clara. As evidências da literatura vêm apresentando resultados contrastantes entre essas duas variáveis. Apesar de alguns trabalhos terem observado resultados semelhantes aos nossos, demonstrando uma correlação negativa entre escolaridade e conhecimento ecológico local (Andrade Martins De et al., 2015; Giovannini et al., 2011), em alguns contextos socioambientais é possível se verificar um aumento do conhecimento ecológico local acompanhado da escolaridade (Miguéis et al., 2019). Uma explicação bastante razoável para esse efeito é o fato de que pessoas que dedicam mais tempo da sua vida ao estudo formal possuem menos tempo interagir com outros caçadores e assim aprender informações relacionadas à caça. É possível também que um maior contato com a educação formal cause um efeito de conscientização nessas pessoas, fazendo com que elas se afastem de práticas nocivas ao meio ambiente.

Em nosso modelo a idade apresenta um efeito sutil sobre o conhecimento a respeito da caça. Apesar dessa variável não ter apresentado uma relação estatisticamente significativa, a variável idade foi importante na estruturação do modelo linear. Ainda que essa relação seja marginal, é importante destacar que vários trabalhos vêm demonstrando a influência da idade no conhecimento ecológico local. Corroto, et al. (2019), por exemplo, demonstraram diferenças no conhecimento sobre recursos naturais entre os grupos de faixas etárias distintas (jovem: 18-30; maduro: 51-60 anos e senil: maiores de 60 anos). No contexto estudado o conhecimento ecológico local aumentava do grupo jovem para o maduro e diminuía no grupo senil. Raal, et al. (2018) também encontra que pessoas com mais idade preferem usar plantas medicinais do que utilizar medicina ocidental para tratar enfermidades comuns.

Segundo o padrão encontrado em nosso trabalho, os indivíduos mais jovens podem apresentar mais conhecimento sobre caça do que pessoas mais velhas ($t = -1,726$; $p = 0,0889$). Isso pode estar relacionado com o fato de a caça ser uma atividade que envolve um elevado esforço físico, levando à diminuição de sua prática com o avançar da idade. Além disso, em muitas comunidades tradicionais, a prática da caça é um elemento de prestígio, fazendo com que homens jovens se interessem por sua prática (Gurven e Rueden, 2006).

4 CONCLUSÃO

Nosso estudo revelou que fatores socioeconômicos são importantes preditores do conhecimento ecológico local, especialmente aqueles envolvidos com as práticas de caça. Compreender esses fatores é uma peça importante para identificar grupos-alvo em iniciativas de educação ambiental e marketing social, que visam sensibilizar as populações de caçadores sobre as consequências nocivas da caça. Sugerimos que pesquisas futuras explorem uma gama mais ampla de fatores subjetivos, incluindo aqueles associados a crenças, mitos, tabus e preferências subjetivas, como a palatabilidade da carne de caça e a preferência de sabor.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. DE F. (2014). Selection of Research Participants. In: Albuquerque, U. P. et al. (Eds.). *Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology*. 1. ed. New York: Humana Press, p. 1–13.
- ANDRADE MARTINS DE, W. (2015). Knowledge, Uses and Practices of the Licuri Palm (*Syagrus Coronata* (Mart.) Becc.) around Protected Areas in Northeastern Brazil Holding the Endangered Species Lear's Macaw (*Anodorhynchus Leari*). *Tropical Conservation Science*,

v. 8, n. 4, p. 893–911.

BARBOZA, R. R. D.; SÉRGIO, F.; LOPES, W. M. S. S, HUGO FERNANDES-FERREIRA, AND RÔMULO R. N. ALVES (2016). “The Role of Game Mammals as Bushmeat In the Caatinga, Northeast Brazil.” *Ecology and Society*, 21(2).

BENNETT, E. L. Hunting for consensus: Reconciling bushmeat harvest, conservation, and development policy in West and Central Africa. *Conservation Biology*, v. 21, n. 3, p. 884–887, 2007.

BENÍTEZ-LÓPEZ, A. (2017). The impact of hunting on tropical mammal and bird populations. *Science*, v. 356, n. 6334, p. 180–183.

Bragagnolo, C. et al. Hunting in Brazil: What are the options? Perspectives in Ecology and Conservation, v. 17, n. 2, p. 71–79, 2019.

Burnside, W. R. et al. (2012). Human macroecology: Linking pattern and process in bigpicture human ecology. *Biological Reviews*, v. 87, n. 1, p. 194–208.

CHAND, ANNISA. Bushmeat in Brazil. *Nature Food*, v. 3, n. 7, p. 489-489, 2022.

CORROTO, F. (2019). Different patterns in medicinal plant use along an elevational gradient in northern Peruvian Andes. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 239, p. 111924.

GIOVANNINI, P. (2011). Do pharmaceuticals displace local knowledge and use of medicinal plants? Estimates from a cross-sectional study in a rural indigenous community, Mexico. *Social Science and Medicine*, v. 72, n. 6, p. 928–936.

GURVEN, M.; VON RUEDEN, C. (2006). Hunting, social status and biological fitness. *Social biology*, 53(1-2), 81-99.

INGRAM, DANIEL J. Wild meat is still on the menu: Progress in wild meat research, policy, and practice from 2002 to 2020. *Annual Review of Environment and Resources*, v. 46, p. 221254, 2021.

MIGUÉIS, G. DA S. et al. Plants used by the rural community of Bananal, Mato Grosso, Brazil: Aspects of popular knowledge. *PLoS ONE*, v. 14, n. 1, p. 1–15, 2019.

NIELSEN, MARTIN R. The importance of wild meat in the global south. **Ecological economics**, v. 146, p. 696-705, 2018.

RAAL, A. Modern beliefs regarding medicinal plants in Estonia. *Journal of Baltic Studies*, v. 49, n. 3, p. 387–403, 2018.